



RUINAS DA CASA DA CAMARA DA VILLA DA PRAIA. — ILHA TERCEIRA.

ARCHIPELAGO DOS AÇORES.

5.º

A DUAS e meia leguas ao nascente da cidade capital da ilha Terceira, quasi a igual distancia desta e da villa da Praia da Victoria, está a villa de S. Sebastião que foi erecta em 1503; nella, a caminhar da parte de Angra, tiveram logar os primeiros, ainda que comparativamente diminutos, estragos da lastimosa catastrophe, que em 15 de junho do preterito anno de 1841 arrazou a villa da Praia. Na de S. Sebastião, constante de 355 fogos, o fatal terremoto só derribou 32 casas e arruinou 33, as igrejas pouca deterioração soffreram, experimentando-se estes damnos no mesmo dia e hora que na Praia, tendo já em a noite anterior cahido muitas paredes de cerrados, fazendo a concussão subterranea algumas rachas nas casas: o que parece notavel aviso da Providencia para cautela dos habitantes, cujas vidas não perigaram, como declara o Ex.^{mo} Sr. Administrador Geral José Silvestre Ribeiro (1), em seu officio de 5 de julho. — «Se porem desabaram sobre a terra os edifi-

cios daquella memoravel villa, nem uma só creatura humana foi victima da funestissima catastrophe.»

Da villa de S. Sebastião até a freguezia da *Fonte do Bastardo*, que tem 144 fogos e 634 moradores, o maximo numero das paredes ficou por terra, e as casas fronteiras ao nordeste em grande estado de ruina e inclinadas para traz, observando-se isto mesmo em todas as mais que soffreram por este terremoto, do que póde inferir-se que o impulso partiu da banda do porto ou do nordeste, por effeitos de grande volcão submarino, de que nestas aguas tem havido exemplos. — No *Angrense* se lê que a immediata freguezia do *Cabo da Praia* appresentou as mesmas ruinas, não tão notaveis pela construcção das casas, que são todas baixas e o solo com melhor fundamento de lava, que se estende até o *Porto-Martim*, que é uma extensa cratera, singular pelo vinho e saborosos fructos, que produz. Nesta povoação apenas cahiu uma casa, e alguns muros de fazendas. A freguezia do *Cabo da Praia*, com 212 fogos e 1:293 moradores, é o local mais sadio da Terceira.

(1) Na crise, que vamos descrevendo, distinguu-se notavelmente por zelo, energia de animo, e amor da humanidade o Ex.^{mo} administrador geral, que lançou mão de todos os recursos, tomou todas as providencias, e invocou todos os auxilios, que a sua capacidade governativa lhe sug-

geriu, e a sua situação lhe podia facilitar. De mais, escreveu um *Bosquejo* do desastre, cheio de inspirações e sentimento. A' sua benevola intervenção devemos os desenhos das gravuras do presente numero.

Porem o theatro da assolação foi a villa da Praia: tres mil habitantes, que se abrigavam em 562 fogos, viram-se subito privados do lar domestico: os edificios mais fortes e os templos tambem se derrocaram; uma povoação florecente converteu-se em montes confusos de ruinas.

Tomaremos o depoimento não simples, mas acompanhado de observações, que nos ministra a testemunha ocular, que devidamente citaremos no fim do seguinte extracto.

— «A villa da Praia da Victoria, antes do anno de 1614 foi situada dentro das pontas de St^a Catharina e Espirito Santo, aonde estão hoje collocados os dois fortes que lhe deram os nomes, e o seu porto ficava entre as — pontas do parto, e da má merenda, — cuja bahia, e ancoradouro tem 12 a 15 braças de fundo, segundo vemos da planta das fortificações, desenhada por um habil official de artilheria, o Sr. major Antonio Homem da Costa Noronha. O terremoto de 24 de maio de 1614 que destruiu a antiga villa, abateu-a a ponto de que o mar tomou logo posse do terreno, formando aquelle formosissimo areial de tres quartos de legua, em circumferencia do qual estão collocados, em apropriadas distancias, os nove fortes com 25 bôcas de fogo.

Arrasada e abatida a villa naquelle anno, não desanimaram os praienses, pois começaram logo a erigir novos edificios para que seus vindouros viessem talvez a descobrir as causas que destruíram a antiga villa, que são as mesmas que arrasaram a nova Praia da Victoria. Não pertenderemos tocar no espesso véu que encobre os segredos da natureza incomprehen-sivel, nem nos atreveremos a decidir qual fosse a causa da destruição daquella villa, porque no grande theatro da natureza ha phenomenos que se não podem absolutamente explicar, senão por conjecturas, e melhor é narra-los do que clausurar os direitos ao saber. Temos olhos, e por isso seja-nos licito emittir nossa opinião, fundada sobre factos.

Todo o observador que entrar na villa pela estrada do Cabo da Praia, verá que mui proximo ao forte de S. João existe uma grande fenda que vem do mar cortando todo o areial, e estendendo-se até á Cruz do Marco, que não é menos de um quarto de legua. Se lançar os olhos para a frente do extincto convento de S. Francisco [vid. a 2.^a estampa que designa as ruinas] verá a concussão que este recebeu em todo o frontispicio, fazendo tombar as columnas e paredes da igreja, toda construida de grandes pedras de cantaria; verá que a mesma violenta concussão destruiu todas as casas, demolindo-as na mesma direcção, assim

como todos os mais valentes edificios, servindo de melhor exemplo a igreja matriz que tendo a capella-mór voltada para o mar, o tecto desta foi impellido para o corpo da igreja, e toda a frente e torre está inclinada para a serra da Praia, indicando que toda a força, que a fez partir e curvar, lhe veio do lado do porto, ou do nordeste.

Para não sermos fastidiosos, devemos concluir: que a destruição da villa da Praia procedeu de um grande volcão que rebentou no mar, bem em frente daquelle porto, cuja força incomprehen-sivel, e pela proximidade percutiu com mais intensidade a villa, e a freguezia das Fontinhas, estendendo a sua vibração com menos violencia por todo o litoral até á villa de S. Sebastião, alem da qual não apparece vestigio algum de ruina; e tanto nos parece consentanea esta rasão, que a incalculavel força impellido pelo volcão, e que causou o terremoto, abriu aquella grande fenda no areial, denotando a força sobrenatural da expansão, e que talvez communicando-se por alguma caverna subterranea, por baixo da serra de S. Thiago, fosse a causa de se arrasar a igreja das Fontinhas, cujo alicerce saltou para cima das ruinas daquelle templo. Esta freguezia foi a que mais soffreu pela força vertical ou pulsação do terremoto, que arrasou todas as casas, e paredes, sendo notavel que do grande Pico do Celleiro que lhe fica proximo nem uma só das paredes que o circumdam lhe cahiu, podendo afoutamente dizer: *nemo me impunè lacessit*: não ha quem me despedace impunemente.

A freguezia das Fontinhas que tem 203 fogos e 1006 moradores, é na verdade, das parochias arrasadas, a que mais soffreu comparativamente, não se prolongando as ruinas alem deste local. A demolição das casas e da igreja, segundo a posição em que tombaram, assás demonstra que a grande concussão veio do lado de nordeste, e que o abalo alli foi vertical pelo arrojo dos alicerces; o que se não observa na Praia que só foi percutida por violento tremor de inclinação, e concussão, como fizemos ver a muitos de seus moradores, e os convencemos.» — *Angrense de 24 de junho de 1841 — n.º 246.*

Tão espantosos phenomenos convidam naturalmente a attenção do observador, e ainda quem ao longe e incolume os ouve narrar sente appetite de indagar quaes serão as causas poderosas que tamanhos effeitos produzem; não duvidámos por isso resumir em breve discurso o que temos achado em nossas recentes leituras.

Muito pouco tem adiantado a sciencia pelo

que respeita á origem ou causa dos terremotos. Comtudo é certo que a podemos geralmente attribuir á acção de fogos subterraneos, porque se observa que as erupções volcanicas são precedidas por terremotos; e se em logares onde estão situados volcões activos se nota que não respiram fumo as crateras, os habitantes começam a recear-se de violentos abalos da terra. Não é tambem cousa assentada se ha alguma connexão entre o estado da atmosphera e os phenomenos dos terremotos: comtudo é provavel que a haja, quanto aos pequenos tremores, a que é sujeita a America, especialmente Guatimala e o Chili, onde tem mostrado a experiencia que pelo commum acontecem, ou ao menos são mais frequentes, no tempo da mudança de uma para outra estação. Porem as commoções mais violentas parecem totalmente independentes das estações, e tanto succedem em tempo de bonança e limpo, como de temporaes e chuvas aturadas; ha casos em que tem sido precedidas por meteoros luminosos. — De todas as theorias a este respeito a mais plausivel é a que imaginou Mr. Patrin, pela qual explica as causas dos volcões e depois as dos terremotos. Segundo este habil physico, os volcões tem geralmente a base lavada por aguas maritimas, porque do fundo do oceano extrahem os materiaes adequados para alimentar seus fogos. Observou-se que os volcões se extinguem, ou quando as communicações subterraneas com o mar se obstruam accidentalmente, ou quando a bacia dos mares por effeito da sua progressiva mudança de logar se affasta das regiões, em que assentam as montanhas ignívomas. Temos a prova desta asserção nos volcões extinctos das partes meridionaes da França, que o mar cessou de cobrir ha seculos; ainda outra observação póde sustentar esta hypothese, e vem a ser que os mais famosos volcões ao presente em actividade se acham exactamente nas ilhas ou nas visinhanças do oceano. — Parece cousa certa que em o bojo das montanhas volcanicas existem depositos de materias salinas e bituminosas, substancias metallicas, e enxofre, produzidos e mantidos pela decomposição das aguas do mar: gases de diversa natureza, como o hydrogenio, o oxygenio, o acido sulfurico, circulam sem cessar nas entranhas do globo. Não póde duvidar-se que o fluido electrico por sua acção rapida contribúa para a combinação e sobretudo para a inflammção dos principios que formam a base dos fogos subterraneos. Todas estas materias, inflammando-se produzem ar e vapores, que procurando evadir-se do seio da terra abrem caminho pelos logares que menos resistencia lhes offercem. Á vista

desta elaboração, facil é de comprehender o como as eiecções volcanicas sahem compostas de agua, enxofre, mineraes &c., segundo os diferentes fluidos que prevalecem no momento da inflammção; fluidos que achando-se combinados dão nascimento a substancias de varia especie, como demonstram os *processos chymicos*; disto procede haver tres castas de volcões, os de lodo, os de ar, e os puramente *ignívomos* ou de fogo. Logo que as conglomerações, que se formaram, estão consumidas no todo ou na maxima parte, a erupção pára; mas reúnem-se novos depositos com maior ou menor promptidão, e uma nova combustão abre livre carreira a outras eiecções. Facil é de comprehender que os receptaculos das montanhas volcanicas nunca são desmesuradamente profundos, porque se enchem á medida que as abrem e despejam as erupções. Comtudo, como não é isto obra de dias, mas ás vezes de seculos, uma geração não presencia os estragos que as antecedentes padeceram; e lá vivem com seus temerosos visinhos os habitantes das faldas do Vesuvio, do Etna, &c. contando porventura que em sua vida não experimentarão catastrophe.

Vindo agora á questão dos terremotos, se observarmos que estes phenomenos espantosos, em que a terra se mostra como acoçada de raiva, tem de ordinario logar em regiões contiguas aos mares, poderemos assignalar-lhes as mesmas causas que para os volcões. Com effeito, tem-se reconhecido que circulam sem cessar no interior do globo fluidos gazosos de natureza diversa, provenientes da decomposição das materias salinas ou bituminosas que as aguas do oceano depoem em profundidades mais ou menos consideraveis nas entranhas da terra: esses fluidos animam-se pela acção do gaz electrico que *desempenha para com a terra* [segundo a idéa de Patrin] a mesma funcção que o fluido nervoso nos animaes. Sabemos tambem que esses principios diversos combinando-se produzem compostos de muitas castas, agua, enxofre, e ar por consequencia, como vemos que resulta da combinação do salitre e enxofre ateados nas mortiferas espingardas e peças d'artilleria. Este ar dilata-se prodigiosamente no instante da sua formação, e procura abrir passagem atravez das camadas da terra. Existem fóra de duvida no seio do globo cavidades subterraneas e vastas por onde póde resfolgar esse ar; mas se experimenta grandes difficuldades, obstaculos insuperaveis, causa essas agitações e temerosos abalos de que a humanidade soffre tão deploraveis effeitos. — Todavia, ao considerar a celeridade com que se propagam os terremotos pela extensão de centena-

res de leguas, ha muita rasão para se julgar que a electricidade entra nelles por maior, porque nada ha que tanto se pareça, argumentando de menos para mais, com esses repellões subitos e precipitados, como as commoções causadas pela fagulha electrica. Por isso alguns physicos ousadamente affirmaram que a acção do fluido electrico era a causa unica dos terremotos, quando buscava equilibrar-se espalhando-se uniformemente por todas

as partes do globo. Notou-se porem, em casos taes, que a terra se fendia em muitas paragens, e que por essas bocas sahiam arden-tes chammas, jorros d'agua, vapores mui inten-sos: estes phenomenos provam evidentemente a presença de principios heterogeneos nas ma-terias que dão origem aos terremotos. Sem du-vida que o fluido electrico entra muito nisto, mas só por si não podia produzir todos os effei-tos que apontámos. (2)



RUINAS DO CONVENTO DE S. FRANCISCO NA VILLA DA PRAIA.

AGRICULTURA.

Das regas: methodo salutar de pratica-las.

Todos os cultivadores reconhecem as vantagens da irrigação, por meio da qual se supprem os defeitos da estação ou do solo que privam as terras da humidade necessaria á nutrição dos vegetaes. Esta pratica foi mui conhecida dos povos d'antiguidade; foram nella excellentes os egypcios e chinas que emprehenderam e concluíram obras estupendas, as quaes ainda hoje causam admiração a nossos hydraulicos, não sabendo explicar como sem os principios e methodos scientificos, attribuidos exclusivamente aos modernos descobrimentos, se podessem cavar o lago Mæris, dividir o Nilo em diferentes braços, calcular o nivelamento das aguas, e praticar no imperio china esses immensos

canaes que levam as communições das mercadorias a toda a parte, servindo não menos de reservatorios e depositos d'aguas para as regas. Se o que dizem os auctores do Jornal dos conhecimentos uteis é certo, mais peritos e em adiantamento muito maior estavam os peninsulares do que os francezes nesta parte essencial da agricultura: affirmam os ditos jornalistas que as regas são de pratica moderna em França; ora nós sabemos que na nossa peninsula os arabes praticaram com grande afinco e proveito as regas nas veigas de Sevilha, de Granada, de Toledo e de Valencia; e em tempos posteriores, antes e depois do estabelecimento da monarchia portugueza, estavam ellas em voga no nosso territorio, achando-se nos documentos antigos a cada passo noticia dos canaes de rega designados pelo nome = córrego, ou córrago = donde vem, querem, a denominação do rio Corgo em Trás-os-montes.

Hoje em dia todos sabem que as terras cha-

(2) Consultem-se os effeitos do terremoto na Calabria em 1785 relatados a pag. 119 do vol. 1.º da serie 1.ª; e a noticia dos terremotos em Portugal a pag. 115 do vol. 2.º

madas de *regada* na provincia da Beira tem dobrado valor do que as que são privadas d'agua de rega; e que na provincia do Minho os montes e outeiros estão furados em todas as direcções pelo empenho com que os proprietarios de terrenos procuram obter nascentes d'agua. A cultura do milho e do linho tão generalizada nas duas provincias seria pouca cousa sem aguas de rega.

— Os beneficios da irrigação, diz o citado jornal, provem não somente da humidade que corrige a demasiada secura da terra, estorvando a evaporação total dos gases, mas pelos materiaes e ingredientes que a agua correndo ahi leva e deposita, grandemente favoraveis á vegetação: porem a agua não é realmente boa e conveniente senão quando é applicada na sazão propria, e na proporção rasoavelmente calculada. Nestes dois pontos consiste principalmente a sciencia do regador. Deve ter-se cuidado em que a agua corra moderadamente e sem precipitação, sem a deixar estagnar ao pé das plantas: quanto mais lentamente passar maior proveito receberão os vegetaes. Os solos arenosos e saibrentos são os que tiram maior beneficio da irrigação.

Quaes são as melhores qualidades d'agua para as regas? — As aguas da chuva são indisputavelmente as melhores de todas por causa de sua leveza e dos principios gazosos de que são saturadas. Não deve portanto cessar-se de recommendar aos lavradores que as recolham e aproveitem com o maior esmero.

Depois destas as dos rios e ribeiras são as que possuem vantagens mais approximadas, e tanto mais quanto suas nascentes forem afastadas e a corrente exposta mais largo tempo ás influencias atmosphericas.

Seguem-se as aguas de fonte e de nascente proxima, as quaes são ordinariamente mui frias; exigindo portanto antes da sua applicação que se juntem e depositem em local exposto ao ar e ao sol mesmo segundo a localidade.

As peiores são as aguas de poço, e isso não obstante são ellas mui communmente empregadas, porque se encontram em quasi todas as localidades. O costume d'emprega-las na sua primitiva crueza e frialdade de dentro dos poços, ou immediatamente á sua sahida dos mesmos é prejudicialissimo e pôde matar as plantas: deve-se conserva-las expostas ao ar pelo menos 24 horas.

O melhor methodo seria empregar a agua de rega imitando a agua da chuva, humedecendo as plantas no seu todo, como faz a natureza. Quando isto fôr praticavel pôde fazer-

se isso ou pelos regadores communs, ou, o que é mais expedito, pelos regadores de bomba de maior ou menor dimensão e força, segundo a extensão ou altura dos objectos a regar.

Tempo proprio das regas. — Nos grandes calores do estio é de tarde, quando o sol está proximo do occaso, que convem regar: na primavera e outono é preferivel ser de manhã. N'um e n'outro caso devem as folhas ter um espaço de tempo sufficiente para enxugar-se antes de serem feridas pelos raios do sol. Quando esta precaução se despreza, é mui factível que as folhas sejam cubertas de nodoas e queimaduras, o que sendo repetido poderia acarretar a perda da planta.

Agua de rega composta. — M.^r Poiteau, redactor do jornal = *Bon Jardinier* = aconselha uma composição facil e pouco dispendiosa, mui propria para restabelecer as plantas enfermas ou fracas. Consiste em misturar n'uma vasilha de capacidade sufficiente um terço de fezes de gado cavallar e vaccum a outro terço d'estrume fino impregnado de ourina, e o resto d'agua commum; conservar este deposito por quinze dias, mexendo-o de tempos em tempos; no fim deste prazo a fermentação está feita, e tirando-se ou por torneira, ou pelo alto com uma vasilha ou regador, se pôde applicar. Este liquido é excellente para fazer reverdecer as lorangeiras, e restituir o vigor e a força a uma infinidade de plantas cultivadas em pomares ou jardins. Este methodo porem deve ser empregado com moderação e como remedio; d'outra sorte seria nocivo.

Como em agricultura não ha preceito absoluto, a regra é ir tirando partido de tudo o que se offerece á mão que possa aproveitar. Assim que, na falta daquelles ingredientes, se poderiam pôr em dissolução para o mesmo ou semelhante resultado outras differentes materias fertilisantes, misturando o lodo ou terrão com estrume fino d'aves e outros animaes, raspaduras de chifres, despojos de rezes mortas, &c. &c.; a agua se abraçará com todas estas substancias fertilisantes, e comporá deste modo um liquido restaurador para as plantas e vegetaes em geral.

Uma observação temos feito a que não sabemos dar explicação, e é que nas duas provincias do Minho e de Trás-os-Montes apenas é conhecido o uso das rodas tirando aguas dos rios caudaes para as regas: na provincia da Beira são igualmente pouco praticadas, ao mesmo tempo que na da Estremadura são muito usadas. Pôde ser que as condições primitivas do dominio excluisssem esta fruição, pôde ser que o uso das azenhas ribeirinhas fosse an-

terior ás regas, e portanto as prohibissem; póde ser, e nós o cremos, que os arabes ensinassem esta pratica onde se demoraram.

J. da C. N. C.

A COVA ENCANTADA DE TOLEDO.

UMA das antigualhas mais notaveis de Toledo, e incitadoras da curiosidade é a cova denominada d'Hercules, de que tantas fabulas referem antigos e modernos historiadores, faltos de escriptos e authenticas memorias, e abundantes de contos e ficções pueris, que transmittiu a ignorancia e deficiencia de critica de outros tempos. — A origem desta famosa cova é tão obscura como a fundação de Toledo. Dizem os antigos chronistas que alli houvera uma torre, ou palacio encantado: e com o titulo de *torre maravilhosa* demos a pag. 175 do vol. 2.º noticia da tradição do infeliz D. Rodrigo, ultimo rei godo, que a devassou sem que lhe pozessem medo a inscripção posta á entrada e a estatua de bronze, que em aposento escuro descarregava, ora a um, ora a outro lado, tremendos golpes de massa. Attribuem uns esta obra ao Hercules grego, outros ao egypcio; e que nesse recinto se ensinára a arte magica asseguram alguns auctores com tanta certeza como se nella se tivessem matriculado por alumnos. — Poremos aqui sómente o que ha de averiguado a este respeito sem nos fazermos cargo de abusões e contos ridiculos.

A existencia da cova é indubitavel: tem a entrada na igreja parochial de S. Ginés, situada quasi na parte mais alta de Toledo: a porta em forma d'arco está n'uma abobada da igreja, cheia de entulho e ossadas que a entupe quasi inteiramente, divisando-se apenas a extremidade da pedra do fecho do arco e um pedaço de muro ou tabique que cerra a entrada. — As muitas fabulas que della se contavam moveram a curiosidade do sabio arcebispo e cardeal, D. João Martinez Siliceo, pelos annos de 1546 a manda-la examinar: fez descobrir e desembaraçar o passo, e prevenir homens com viveres, lanternas e cordas; tudo disposto, entraram os exploradores, não sem boa dose de medo; pouco tardou que sahisses turbados, tiritando de frio; e logo lhes tomaram juramento de dizer a verdade do que observaram: para justificar o seu temor, declararam que a cousa de meia legua [provavelmente meia milha, porque o medo faz as leguas mais compridas] deram com umas estatuas de bronze u'uma casta d'altar, e a maior cahiu da peanha, fazendo tal ruido que os en-

cheu de pavor; mas cobrando animo foram ter a um jorro d'agua [o que é verosimil], o qual não poderam atravessar; isto, a frialdade da cova, a subtileza da atmospherá que respiravam os obrigou a retroceder, e sahir ao ar livre com caras de finados, movendo a admiracão de quem os via; porque se julgava voltassem ricos e medrados, e achou-se o contrario, enfermado todos, e morrendo alguns. Por isto ordenou o cardeal que entaipassem a boca da caverna; não conseguindo este prelado o principal objecto da pesquisa, que era desenganar o vulgo e pôr termo ás patranhas; antes ao revez tomaram estas mais corpo com a relação dos empregados na indagação, inspirada sem duvida pelo medo, ou pelos preconceitos. —

Desde então ninguem se atreveu a reconhecer a cova até 1839, em que um curioso de antiguidades intentou segundo exame, para cujo effeito se fizeram algumas diligencias e preparativos; malogrou-se porem a empreza por falta de meios para desimpedir a entrada e purificar o ar encerrado por seculos naquellas fauces da terra.

Varias são as opiniões dos auctores criticos sobre o uso desta cova. Dizem uns que fôra um templo dedicado a Hercules, e dalli lhe proviera o nome: outros com mais probabilidade asseveram que servira, em tempo dos romanos, de cloaca principal por onde desagravam as immundicies da cidade, pois que são bem notorias as soberbas construcções subterraneas que para tal fim fabricou aquelle povo, não só em Roma e pela Italia, como tambem em muitas cidades das provincias, que dominaram, e com especialidade em Toledo, terra muito a proposito para este genero de obras, pelas suas muitas ladeiras e geral desigualdade do solo; confirmando isto mesmo a inscripção romana, que esteve no antigo torreão da ponte de Alcantara. Outras opiniões ha que não expendemos por menos fundamentadas. —

PARALLELOS HISTORICOS.

CONTA Plutarcho na vida de Theseu que consultando os athenienses o Oraculo de Delphos como poderiam conservar sua liberdade e independencia contra as tentativas sempre renascentes dos soberanos poderosissimos da Asia, lhes fôra respondido: — recolhei a ossada de Theseu, e collocai essa preciosa reliquia no lugar mais nobre e honrado dentro dos muros de vossa cidade. —

Mas o heroe fundador d'Athenas tinha fallecido muitos annos antes na ilha de Scyros, cujos ferozes habitantes não permittiam o desempenho desta commissão. Emfim a fortuna e as victorias de Cimon lhe abriram as portas de Scyros, e este illustre general da republica teve demais a gloria singular de trazer para Athenas os restos de Theseu, que foram recebidos como se fosse um numen tutelar que a vinha defender. Os athenienses instituiram em honra de seus principaes trabalhos e aventuras jogos e festas publicas, celebradas cada anno em epochas assignaladas; e em particular a da entrada de seus ossos na cidade era commemorada com procissões e sacrificios no meio d'uma pompa tão solemne como se o proprio Theseuahi chegasse. Suas reliquias foram depositadas no centro d'Athenas, onde depois se estabeleceu o Gymnasio; e este logar serve ainda d'asylo aos escravos, e a todos os cidadãos fracos, e opprimidos, que ahi vão esquivar-se á violencia dos grandes e poderosos: é uma homenagem prestada á memoria de Theseu, que durante a vida se declarou sempre o protector dos opprimidos, e recebia com humanidade as preces dos desvalidos que vinham implorar o seu soccorro. — «Esta protecção, acrescenta um sabio commentador de Plutarcho, continuada por mais de 1,200 annos depois da morte de Theseu, é o mais bello monumento que um principe poderia erigir á sua memoria.»

Nos nossos costumes christãos as demonstrações publicas, e aparatosas d'estatuas e monumentos, consagrados á memoria dos mortos, não estão em uso, nem quadram, como no tempo do paganismo, com as nossas idéas religiosas. Tempo houve em que as primeiras personagens d'um povo, d'uma cidade, se contentavam de dispôr seu jazigo á róda dos templos encostados a seus muros exteriores; outros á porta das igrejas para serem calcados pelos que nelas entrassem. Durante a vida ainda menos havia a vaidade de se permittirem estatuas, e outras obras monumentaes: todos sabem a repulsa do infante D. Pedro á camara de Lisboa que queria dedicar-lhe uma pelos serviços feitos á cidade. Por estes principios, ou talvez por um pouco de ciúme e inveja natural aos que não podem imitar os grandes homens, o nosso paiz foi sempre com severidade economico destas distincções. Nem Nuno Alvares, nem o infante D. Henrique, nem D. João 2.º, nem o Gama, nem Affonso d'Albuquerque, nem João Pinto Ribeiro, tiveram estatuas consagradas á sua memoria. Por uma mesquinha e apoucada excepção, que todavia todos os portuguezes tem a agradecer á cama-

ra de Gôa, mandou esta insculpir n'uma pedra sobre a porta da entrada principal da cidade um pequeno busto de D. João de Castro. É tudo quanto a estatuaria dedicou naquelle emporio dos maiores homens de que ha noticia nos annaes das conquistas antigas e modernas. Pois bem; — não foi debalde que alli sobre aquelle portal por onde entrou triumphante o vencedor de Diu; o homem que contrahia empenhos sobre uns cabellos de sua barba, que dispunha dos imperios da Asia, e morreu pobre; o sabio que meneava tão bem a penna como a espada; não foi em vão, dizemos que aquella pequenina figura alli foi exposta, senão para recordar as suas façanhas como guerreiro, para dar aos vindouros o modelo do homem justo, do acerrimo zelador da justiça, do amigo da humanidade. Nós temos d'um magistrado illustre que por muitos annos residiu naquella cidade (*) o testemunho presenceal e irrecusavel d'um facto tão consolador quanto honroso ao merecimento e á virtude. — «Eu vi, nos dizia o magistrado, muitas vezes os escravos, os desgraçados canarins ajoelhados diante do busto de D. João de Castro implorando com as mãos levantadas justiça e protecção ao grande homem, como se aquella pedra fria podesse ainda quebrar-lhes os ferros do captiveiro, ou liberta-los da oppressão, e fereza de seus iniquos senhores; que tão vivo durava ainda o conceito de sua humanidade piedosa para com os opprimidos depois de 300 annos já passados!» —

J. da C. N. C.

Apologo oriental. — Fugia uma raposa com quantas forças tinha e toda espavorida; perguntavam-lhe de caminho alguns animaes porque assim fugia: — «Não sabeis [respondia ella] que andam apenando quantos cavallos e camellos ha para transportar o trem do rei que vai de jornada?» — «Estás louca [lhe retorquiam], como podem confundir-te com essas possantes e corpulentas bestas de carga?» — «Eu bem sei o que faço [dizia a maliciosa]; alguém haverá que appareça e diga, aqui está uma boa cavalgadura; serei tomada, por-melhão a carga, e me farão andar antes de me ouvirem.» —

Os TOLOS passam muitas vezes por accesso a velhacos, e procuram neste predicamento indemnizar-se com usura das perdas que soffreram no primeiro estado.

(*) O conselheiro do conselho do Ultramar, o desembargador João Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, que serviu por alguns annos na Relação de Gôa.

BIBLIOGRAPHIA.

Cintra pinturesca, ou Memoria descriptiva das villas de Cintra, Collares e seus arredores. 1 vol. de 8.º grande francez, com 232 pag.

ESTE formoso volume, alem da curiosidade do assumpto, tratado pelo illustre A. com toda a exactão e esmero, offerece á attenção do publico reunidas todas as circumstancias de uma edição nitida: — formato esbelto, papel excellentes pela alvura e consistencia, boa impressão em caracteres novos e legiveis. É acompanhado de uma especie de atlas oblongo, isto é uma collecção de lindas estampas, illustrativas da Memoria, de muito maior formato que o texto desta, que tambem se vende em separado. Pouco seria toda esta elegancia na parte material do livro se lhe faltasse o valor intrinseco; concorrendo porem tão essencial condição para o fazer digno de apreço, cremos que não haverá quem d'ora avante frequente Cintra e cercanias, por passeio e regalo ou por espirito investigador da natureza ou d'antiguidades, que deixe de munir-se deste mentor e guia, fiel e ao mesmo tempo ameno, que lhe apontará as notabilidades e ensinará a historia de cada monumento, ou civil ou religioso; lhe mostrará as paizagens mais sublimes, ou mais apraziveis, e contará lendas de antigas eras nos proprios logares. O auctor nem sequer ommittiu a parte estatística na sua descripção, abrangendo as villas e aldéas dos dois termos. No que respeita a antiguidades, e a homens notaveis que no districto nasceram, ou deixaram vestigios em obras ou na tradição, dá informação cabal. As notas comprehendem documentos, como doações, cartas de privilegios, o foral de Cintra, &c. —

O Romanceiro portuguez, ou Collecção dos romances de historia portugueza, compostos pelo Sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento. 1 vol. com o retrato do A., e 4 estampas lithographadas, as quaes representam os lances principaes de alguns dos romances.

ESTE livro é muito digno de logar nas estantes das bibliothecas, porque o seu editor, o Sr. Mengo, não poupou diligencias para que sabbisse á luz publica tão completo como convinha a uma composição original que tem por assumpto factos da historia patria; ligava-o de mais a mais a este empenho a particular amizade do A. junta ao reconhecido merecimento deste, que tem feito honrosas tentativas na carreira litteraria [e meramente pelo amor que ás letras consagra] com a sua trilogia dramatica e outras composições. E com effeito publicou o editor um livro bonito: — agrada-nos este termo: — e porque não chamaremos bonito a um livro quando a sua contextura exterior, o papel, o typo e outros accessorios convidarem a manosea-lo, e por consequencia a lê-lo? Demais, esta obra tem de ser muito acceita ao sexo amavel, porque nella se tratam proezas de nossos antigos cavalleiros, e amorosas aventuras; e era justo appresenta-la com o luxo de ornamentos que a arte typographica lhe podia prestar. — Louvâmos no auctor a escolha dos factos, o estilo facil, e alguns trechos maviosos que a sua musa lhe inspirou felizmente. —

Viagem ao interior da Nova-Hollanda. Obra moral, critica e recreativa. 3 vol. em 8.º —

Com este titulo deu ao publico o Sr. Vasco José d'Aguiar uma novella, que podêmos com a maior affouteza recommendar aos pais de familia; nem uma

palavra, nem uma lettra lhe veda a entrada em pequena ou em vasta livraria de casas honestas. Com o rótulo de *moral em acção* se vende um livro, que comprehende factos e pensamentos avulsos: — a idéa, bem desempenhada, do Sr. Aguiar foi pôr a moral em acção, e se encuberta com o agradável tecido de uma narrativa de variados successos, filhos da sua imaginação, não tão occulta que não transpirem em cada pagina aquellas saãs doutrinas, que podem fazer o homem feliz na vida por bem regrado proceder e cumprimento das obrigações sociaes. Amenisou com episodios a exposição das leis, costumes e habitos de um povo, que appresentou como typo ideal da perfeição: porem de toda a contextura da obra se derivam utilissimos documentos, que inspiram amor á virtude. Nas descripções de edificios e festejos, algumas porventura longas, lucrará a mocidade familiarisar-se com os termos technicos da architectura e das artes. Em summa esta obra é puramente da invenção do A.: — e se vemos lidos e buscados tantos *Robinsons* mal traduzidos, porque não apreciaremos esta composição original e portugueza?... Fazê-la conhecida ao publico é o nosso dever, que cumprimos gostosos.

Compendio de Grammatica portugueza, para instrução da mocidade e uso das escholae, pelo Sr. Luiz Francisco Midosi. 1. vol. em 8.º de 92 pag.

TEMOS mais este resumo grammatical para o ensino primario. Ao tacto fino dos professores, antigos e desvelados no seu cargo, incumbe particularmente avaliar a comparativa utilidade de escriptos desta natureza: estamos certos que pelo modico preço de 120 réis não deixarão de fazer ensaio do novo compendio, que porventura adoptarão conforme o systema, que preferirem. — Vemos coordenado o resumo com o intuito de encerrar em breve quadro as noções indispensaveis e as regras de mais geral applicação; quiz o auctor evitar a reprehensão de diffuso, e tambem a de omissio. Dividiu o seu tratado em quatro secções, e estas em lições pelo methodo interrogativo, hoje mui seguido em Inglaterra, e de que em nossos cathecismos temos de ha muito tempo exemplo e frequencia d'uso. Nas duas primeiras trata a parte mechanica da linguagem; — pronunciação e escripta: nas duas ultimas a parte logica; — as raizes e propriedades das palavras, e a ordem e construcção rectas da oração. —

Hygiene e Medicina popular, pelo Sr. Dr. Guilherme Centazzi. 8.º francez. — Publicação distribuida em cadernetas.

TRATANDO, a pag. 79 do presente volume, do cuidado que ao ente racional deve merecer a conservação da sua saude, exprimimos o desejo de que entre nós se vulgarissem as noções e preceitos daquelle ramo de medicina, que se encaminhava a tão importante fim, e que denominâmos Hygiene (*): por isso, chegando ás nossas mãos as primeiras dez folhas impressas da obra, que sobre este assumpto redige e publica o Sr. Dr. Centazzi, com plena satisfação damo-nos pressa a inscrever em nossas columnas o titulo de tão util escripto; e para que melhor se conheça o fructo, que da sua lição podem tirar todas as classes de leitores, copiaremos quatro linhas da advertencia preliminar em que diz o benemerito A. — . . . não escrevo para a Faculdade, mas para o Povo; não desejo entrar na metaphysica da sciencia, mas appresentar quanto seja pratico e de verdadeira utilidade geral. —

(*) Deriva de uma voz grega, que designa — saude,